Dia 26 — São Evaristo, Papa e Mártir

Martirológio Romano

São Evaristo, papa e mártir, em Roma; o qual esmaltou com seu sangue a Igreja de Deus no tempo do imperador Adriano. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Os santos mártires Rogaciano, presbítero, e Felicíssimo, na África; os quais, na perseguição de Valeriano e Galieno, foram coroados com ilustre martírio: destes Santos faz também memória São Cipriano em sua carta aos confessores.

Os santos mártires Luciano, Floro e seus companheiros, em Nicomédia. São Quodvultdeus, bispo de Cartago, no mesmo dia; o qual, juntamente com seu clero, por ordem do rei Genserico, ariano, foi posto em umas naus velhas sem remos nem velas e, fora de toda esperança, aportou em Nápoles e ali, em desterro, morreu confessor de Jesus Cristo.

São Rústico, bispo e confessor, em Narbona, que floresceu no tempo dos imperadores Valentiniano e Leão. (Sendo monge antes de ser bispo, São Jerônimo lhe escreveu uma carta em que lhe dava excelentes instruções acerca da conduta que devia observar na vida monástica.)

São Gaudioso, bispo, em Salerno. (Certo autor moderno, referindo-se a Barônio, assegura que este São Gaudioso é o mesmo que se lê no dia 28 deste mesmo mês e que, na opinião do citado autor, foi duplicado em distintos dias pelos antigos Martirológios.)

São Fulco, bispo, em Pavia.

São Bernvardo ou Bernardo, bispo e confessor, canonizado por Celestino III, em Hildesheim, na Saxônia.

São Quadragésimo, subdiácono, também; o qual entre outros milagres ressuscitou um morto. (São Gregório, papa, em seu livro dos Diálogos fala deste Santo com elogio e refere alguns de seus portentos.)

São Evaristo, Papa e Mártir

Foi São Evaristo grego de nascimento, mas originário da Judeia, como filho de um judeu chamado Judas, natural de Belém, que fixou sua residência na Grécia e educou seu filho na doutrina e princípios de sua religião. Nasceu pelos anos de 60 com tão belas disposições para a virtude e para as letras que seu pai dedicou o maior cuidado a cultivá-las, dando ao menino mestres hábeis que o instruíssem tanto nestas como naquela. Era Evaristo de excelente engenho, de costumes inocentes e puros; pelo que fez grandes progressos em breve tempo. Não se sabe quando nem onde teve a ventura de converter-se à fé de Jesus Cristo, como nem tampouco com que ocasião veio a Roma; somente se sabe que era do clero daquela Igreja, mãe e mestra de todas as demais, centro da Fé e da Religião, a quem tributa tantos elogios Santo Inácio, bispo de Antioquia. Louva o Santo os fiéis de Roma singularmente por sua fidelidade, por seu valor e por sua constância na fé, pela pureza de seus costumes e por aquela caridade que os constituía modelos dos fiéis espalhados em todas as demais igrejas. Sobretudo exalta a grande união que se observava entre eles e o sumo horror que professavam ao cisma e aos erros de tantos hereges como à sazão afligiam e despedaçavam a Igreja de Jesus Cristo. Mas todos convêm em que estes elogios eram propriamente o panegírico do santo papa Evaristo, cujo zelo e cuja santidade, geralmente reconhecida e celebrada em toda Roma, sustentava a virtude de todos os fiéis; pois, sendo todavia um mero presbítero, acendia o fervor e a devoção nos corações de todos com suas instruções, com sua caridade e com seus exemplos. Era tão universal a estimação e a veneração com que todos o olhavam que, tendo sido coroado do martírio o santo pontífice Anacleto, sucessor de São Clemente (glorioso fim de todos aqueles primeiros Papas), só vagou a Sé apostólica o tempo preciso para que se juntasse o clero romano, que, sem deliberar um só momento, a uma voz colocou nela a São Evaristo. Não houve em toda a Igreja quem desaprovasse esta eleição senão o mesmo Santo. Por sua profunda humildade, pelo baixo conceito que tinha feito de si mesmo, pela grande estimação que fazia da ciência, da virtude e do mérito de todos os demais que compunham o clero, duvidou muito que aquela eleição fosse dirigida pelo Espírito Santo: renunciou-a, resistiu-a, representou sua indignidade; mas sua mesma resistência acreditou mais visivelmente quanto a merecia. Enfim, a despeito de sua humildade, foi-lhe forçoso render-se e ceder à vontade de Deus, manifestada pela voz do povo e pelos unânimes votos de todo o clero. Foi consagrado no dia 27 de julho, pelo ano de 108 do Senhor.

Logo que o novo Papa se viu colocado na cadeira de São Pedro, aplicou todo o seu desvelo a remediar as necessidades da santa Igreja naquele calamitoso tempo, perseguida em todas as partes pelos gentios e cruelmente despedaçada pelos hereges. Os Simoníacos ou Simonianos, os discípulos de Menandro, os Nicolaítas, os Gnósticos, os Cainianos, os discípulos de Saturnino e de Basílides, os de Carpócrates, os Valentinianos, os Elcesaítas e alguns outros hereges, animados pelo espírito das trevas, faziam todos os seus esforços e valiam-se de todos os seus artifícios para derramar por todas as partes o veneno de seus erros, singularmente entre os fiéis de Roma; persuadidos de que, uma vez infeccionada a cabeça do mundo cristão, logo se dilataria a todo o corpo a peçonha do erro, fazendo o maior estrago. Mas como Jesus Cristo tinha empenhada sua palavra de que as portas do inferno jamais prevaleceriam contra sua Igreja, para deter esta inundação de iniquidade e para dissipar esta multidão de inimigos, havia disposto sua amorosa

providência que ocupasse São Evaristo a cátedra da verdade. Com efeito, o santo Pontífice aplicou-se com tanto desvelo a cuidar do campo que o Senhor lhe havia confiado que o homem inimigo nunca pôde lograr semear nele o joio. Todos os fiéis de Roma conservaram sempre a pureza da fé; e ainda que a maior parte dos heresiarcas concorreu àquela capital para pervertê-la, o zelo, as instruções e a solicitude pastoral do santo Papa foram preservativos tão eficazes que o veneno do erro jamais pôde ganhar o coração de um só fiel.

Mas esta pastoral solicitude do vigilante Pontífice não se limitou precisamente a preservar os fiéis de doutrinas infeccionadas; adiantou-se também a aperfeiçoar a disciplina eclesiástica por meio de prudentíssimas regras e decretos que foram de grande utilidade a toda a Igreja. Distribuiu os títulos de Roma entre certos presbíteros particulares para que cuidassem deles. Não eram então estes títulos igrejas públicas, mas como uns oratórios privados dentro de casas particulares, onde se congregavam os Cristãos para ouvir a palavra de Deus, para assistir à celebração dos divinos mistérios e para ser participantes deles. Chamavam-se títulos porque sobre suas portas se gravavam umas cruzes para distingui-los dos lugares profanos; assim como os sítios públicos se distinguiam pelas estátuas dos Imperadores, às quais se lhes dava o mesmo nome de títulos. Os presbíteros nomeados para a direção daqueles oratórios eram propriamente os párocos de Roma, que no tempo de Optato eram em número de quarenta. Ordenou também que, quando pregasse o bispo, lhe assistissem sete diáconos para honrar mais a palavra de Deus e por respeito à dignidade episcopal no principal ministro dela. Assim mesmo mandou que, conforme à tradição apostólica, se celebrassem publicamente os matrimônios e que os desposados recebessem em público a bênção da Igreja. Atribuem-se a São Evaristo duas epístolas, uma aos fiéis da África e outra aos do Egito. Esta é sobre a reformação dos costumes; e naquela se condena que um bispo passe de um bispado a outro puramente por ambição ou por interesse, declarando-se que não são lícitas semelhantes trasladações sem uma evidente necessidade e sem que se faça canonicamente a mesma trasladação. Ocupado total e unicamente São Evaristo em dar todo o cheio às obrigações de bom pastor, não descarregava inteiramente o cuidado de repartir o pão da divina palavra nos santos presbíteros que havia nomeado para cada paróquia; ele mesmo o distribuía cotidianamente a seu povo e ainda muitas vezes ao dia. Estendia-se seu infatigável zelo até os meninos e até os escravos, devendo-se a esta miúda solicitude, a esta caridade universal, eficaz e laboriosa a conservação de todo o seu rebanho na pureza da fé, a despeito dos artifícios e dos laços que armavam tantos heresiarcas.

Ainda que o imperador Trajano foi na realidade um dos melhores príncipes que conheceu o gentilismo, tanto por sua doçura como por sua moderação, nem por isso foram melhor tratados em seu tempo os que professavam a religião cristã. Antes bem não cedeu nem em tormentos nem em crueldades às demais perseguições a que padeceu a Igreja no tempo deste Imperador. Fazia glória Trajano de ser mais religioso que os outros príncipes e de manter as leis do império romano em todo o seu vigor. É verdade que não publicou edito novo contra nossa Religião, segundo se lê em São Melitão e em Tertuliano; mas tinha mortal aversão aos Cristãos, porque não os conhecia senão pelos horrorosos retratos que lhe faziam, assim seus cortesãos idólatras como os sacerdotes dos ídolos; e bastava esta aversão para excitar contra eles os povos e os magistrados.

Logo que nossa santa Religião se deixou ver na terra, começou a experimentar o ódio que ordinariamente segue à verdade, contando tantos inimigos como esta tem contrários. Um dos

principais motivos desta pública e geral aversão foi a pureza da doutrina evangélica, tão oposta à universal corrupção dos gentios; e como as potestades do inferno, que tinham tiranizado o mundo, haviam sido vencidas pela cruz de Jesus Cristo, cabeça e fundador do cristianismo, converteram estas todo o seu furor contra o nome e contra a religião dos Cristãos. Eram estes a execração dos grandes e o horror dos plebeus; porque a pureza de seus costumes e a santidade de sua vida servia de muda mas cruel censura de suas comuns desordens e da impiedade do paganismo. Além disso, para fazer todavia mais odioso o Evangelho a todo o mundo, não cessava o demônio de semear por todas as partes as mais horríveis calúnias contra os Cristãos; pintando-os como feiticeiros e como magos que com seus sortilégios e feitiçarias encantavam as gentes. Seus milagres eram encantamentos; suas juntas noturnas e secretas, conventículos de infâmias e de prostituições, ocultando sob uma aparente modéstia e compostura umas almas negras, corrompidas e dissolutas. Preocupados todos desta maneira, o mesmo era ver a um cristão que gritar-lhe publicamente: Ao malvado, ao facinoroso; e por conseguinte, sem outra formalidade que confessar um que o era, condená-lo ao último suplício. Deste mesmo princípio nasciam aqueles tumultos populares no circo, nos anfiteatros, nos jogos públicos, nos quais, sem que precedesse por parte dos fiéis o mais mínimo motivo, a multidão levantava o grito pedindo alvoroçadamente sua morte e a extirpação de sua seita. A estes amotinamentos populares se atribui a perseguição da Igreja no império de Trajano. Esta perseguição se assinala na crônica de Eusébio pelo ano de 108 de Jesus Cristo, o décimo primeiro do dito Imperador, e durou até a morte deste Príncipe, que sucedeu no ano de 117, aos dezenove de seu reinado.

Não podia estar a coberto desta violenta tempestade o santo pontífice Evaristo, sendo tão sobressalente a eficácia de seu zelo e tão celebrada em toda a Igreja a santidade de sua vida. O desvelo com que atendia às necessidades do rebanho fez odioso o santo Pastor aos inimigos do cristianismo; sem que em sua avançada idade entibiasse seu apostólico ardor nem fosse motivo para moderar suas excursões e suas gloriosas fadigas. Sendo tão visíveis e tão notórias as bênçãos que derramava Deus sobre seu zelo, de necessidade haviam de meter muito ruído, ou ao menos era impossível que de todo se ocultassem aos inimigos da Religião. Crescia palpavelmente o número dos fiéis e, regada a vinha do Senhor com o sangue dos Mártires, ostentava-se mais viçosa, mais florida e mais fecunda. Conheceram os pagãos que esta fecundidade era efeito dos suores e do zelo do santo Pontífice, pelo que resolveram desfazer-se dele, persuadidos de que o meio mais eficaz para que se derramasse o rebanho era acabar com o Pastor. Lançaram-lhe mão e meteram-no no cárcere. Mostrou tanto gozo ao ver que o julgavam digno de derramar seu sangue e dar sua vida por amor de Jesus Cristo que ficaram atônitos os magistrados, não acertando a compreender como cabia tanto valor e tanta constância num pobre velho curvado sob o peso dos anos. Enfim, foi condenado à morte como cabeça dos Cristãos; e ainda que se ignora o gênero de suplício com que acabou a vida, é indubitável que recebeu a coroa do martírio no dia 26 de outubro do ano do Senhor de 117 ou 118, honrando-o até o dia de hoje como a mártir a universal Igreja.

São Luciano e Marciano, Mártires

Um daqueles maravilhosos Santos em quem quis Deus fazer ostentação de sua graça, para que animassem com seu exemplo aos maiores pecadores a não desconfiar da divina misericórdia, foram São Luciano e Marciano, naturais da cidade de Vic, no principado da Catalunha. Tiveram ambos a desgraça de haver sido educados nas superstições do gentilismo, pelo que não tiveram reparo em aplicar-se ao estudo da astrologia judiciária, dos encantamentos e da magia. Acharam seus mestres nos dois jovens um engenho superior para estas faculdades e uma inclinação ativa para estas artes diabólicas; e como estavam resolvidos a não ignorar nenhum segredo de quantos pudessem adquirir na escola dos astrólogos, dos feiticeiros e dos adivinhos, foi tanta sua aplicação que dentro de breve tempo se fizeram famosos magos e grandes familiares dos demônios. Não houve infâmia nem imundície abominável de que não tivessem feito vaidade; e como se valiam de todos os meios que lhes sugeria o inimigo da salvação para assegurar os sucessos de seus encantos, todos os buscavam para conseguir seus caprichos e suas execráveis voluptuosidades.

Tais eram Luciano e Marciano quando agradou ao Pai das misericórdias comutar em vasos de eleição os que eram de imundície, para manifestar ao mundo o poder de sua divina graça, valendo-se para isso de um sucesso capaz de desenganar os preocupados magos. Havia em Vic uma donzela cristã de extraordinária formosura que, desprezando as vantajosas conveniências dos muitos pretendentes de sua mão, tinha consagrada sua virgindade a Jesus Cristo e, para conservar uma virtude tão delicada, rara vez se deixava ver em público, fazendo-o quando era preciso coberta com seu manto ou com seu véu; mas todo o seu cuidado em que ninguém a visse não bastou para que deixassem de lográ-lo os dois famosos magos. Acendeu-se em seus corações um fogo tão infernal, tão impuro e tão lascivo que, formando neles uma violentíssima paixão, não perdoaram diligência alguma para satisfazê-la, tendo por indubitável que com seus mágicos feitiços a poriam em paragem de lograr suas perniciosas intenções. Valeram-se dos mais poderosos meios da magia; mas tudo inutilmente. Invocaram os demônios e ainda que estes puseram em movimento quantos malignos artifícios podiam inventar para derribar a ilustre donzela, sustentada da divina Graça nos mais terríveis ataques e nas mais violentas tentações, punha em vergonhosa fuga as potestades do inferno com suas contínuas orações e com suas rigorosas penitências, mas sobretudo com a proteção da santíssima Virgem, de quem era devotíssima.

Queixaram-se altamente Luciano e Marciano ao demônio sobre a ineficácia de seu poder, posto que não o tinha para render uma terna donzela; e compelido o inimigo de uma virtude superior à sua, confessou a verdade, dizendo-lhes: «Já haveis experimentado a facilidade com que haveis pervertido as almas que não conhecem a Deus, invocando nosso auxílio; mas ainda que empreguemos todas as nossas faculdades nesta casta donzela, nunca poderemos conseguir coisa alguma, pois tem consagrada sua virgindade ao supremo Senhor de todos, que é Jesus Cristo: este é o que a guarda e quem nos aflige e a quem não pode resistir todo o inferno, como nem ao sinal da cruz com que se guarece quando algum de nós se aproxima a tentá-la, pondo-nos em vergonhosa fuga com uma arma tão poderosa.»

Ficaram atônitos Luciano e Marciano ao ouvir a confissão dos demônios e, refletindo sobre a preocupação e o engano em que haviam vivido até então, disseram-se mutuamente: «Se tanto é o poder de Jesus Cristo, que supera ao dos demônios e ao de nossas artes mágicas, sem dúvida nos convém converter-nos a ele, temê-lo e adorá-lo; posto que pode beneficiar-nos mais que aqueles a

quem temos servido até agora.» Movidos deste discurso e dos influxos da divina Graça que começou a iluminá-los, recolheram os códices de suas más artes e, levando-os à praça da cidade, queimaram-nos publicamente. Ficaram admirados todos os vizinhos de Vic ao ver uma resolução tão inesperada e, perguntando-lhes que causa os impelia para arrojar ao fogo os escritos de sua profissão, responderam ambos: «Porque Deus tem ilustrado nossos entendimentos, livrando-nos das trevas e das sombras da morte em que temos vivido até agora, para que nos salvemos. Sabei que as maravilhas aparentes que temos feito têm sido invenções vãs dos demônios por quem nos dirigíamos, os quais pretendiam submergir nossas almas no inferno com suas falácias: portanto nós reconhecemos a Jesus Cristo por verdadeiro Deus, pondo nele toda a nossa esperança; porque, se este aflige e refreia os que nós temos adorado, sem dúvida é maior que eles.»

Feitos cristãos Luciano e Marciano, quiseram dar a Deus satisfação de sua má vida; e deixando suas casas e suas muitas riquezas, retiraram-se a um deserto, onde se entregaram aos excessos de seu fervor e aos rigores de uma penitência sem limites. Irritados os demônios de que houvessem escapado aqueles por cujos meios haviam conquistado tantas almas, puseram em execução todos os artifícios de sua malícia para separá-los de seu bom propósito; mas ainda que foram muitos e muito violentos os combates que tiveram que sofrer contra os inimigos da salvação e contra si mesmos para romper seus inveterados costumes, com tudo o Deus de justiça, que não cessavam de invocar desde o ponto em que conheceram seu poder infinito, os tirou vitoriosos de todos os ataques com seu recurso à oração e à penitência, valendo-se da proteção da santíssima Virgem como mãe de pecadores.

Pareceu aos dois célebres eremitas que com os exercícios de uma vida privada não davam a Deus satisfação suficiente de suas culpas, tendo enganado tantos com sua perversa doutrina; e querendo ressarcir os danos que ocasionaram ao público, apresentaram-se em Vic a pregar as infalíveis verdades de nossa santa Religião, desenganando os gentios dos crassos erros em que viviam submergidos, prestando adoração aos demônios nas vãs estátuas dos ídolos sob o véu de mentidas deidades. Admirados os de Vic ao ver aquela extraordinária novidade, diziam: «Eis aqui os que nos ensinavam e facilitavam a satisfação de nossos desejos, como agora pregam ao Crucificado que antes desprezavam»; mas fortificados mais e mais os Santos na fé, respondiam ao povo: «Crede-nos, irmãos, porque, se não tivéssemos conhecido que isto é o melhor, nunca nos teríamos convertido a Jesus Cristo, separando-nos de uma profissão que nos fazia célebres entre os homens e nos enchia de riquezas: portanto vos encarregamos que vos convertais ao mesmo Senhor, para que vos salveis.»

Irritados os pagãos de Vic com as conquistas que Luciano e Marciano faziam cada dia para Jesus Cristo, delataram-nos ao governador da cidade, dizendo-lhe: «Eis aqui uns homens magos que agora pregam o que antes impugnavam e impugnam o que então ensinavam.» Era o juiz certo homem chamado Sabino, um dos mais ferozes inimigos dos Cristãos, contra os quais procedia severamente por força dos ímpios decretos que publicou contra a Igreja o imperador Décio; e fazendo comparecer ante seu tribunal os dois pregadores, começou o interrogatório acostumado nestes casos, perguntando a Luciano por seu nome e por sua religião. «Eu me chamo Luciano, respondeu o Santo, e minha religião é a de Jesus Cristo; porque, ainda que em algum tempo fui perseguidor desta venerável lei, hoje, ainda que indigno, sou dela pregador.» — «Pois que ofício tens, replicou o tirano, para executá-lo assim?» — «O que é próprio de toda alma racional,

contestou Luciano, que deve tirar do erro seu irmão, aconselhando-lhe a verdade, para que se livre dos laços do demônio.» — «Quem vos persuadiu, continuou Sabino, a que deixásseis os deuses imortais, por quem conseguistes muitos benefícios e vos conciliastes o amor do povo, para converter-vos a um morto crucificado, que não pôde salvar-se a si mesmo?» — «O mesmo Senhor, respondeu Marciano, é o que nos iluminou, como o fez em outro tempo com Paulo, que, sendo primeiro perseguidor da Igreja, foi depois um pregador zeloso de sua santa lei, ilustrado com a divina Graça.» — «Olhai por vós, seguiu o Governador, e voltai a vossa vida antiga, para que tenhais propícios os deuses e os príncipes do mundo.» — «Tu falas, disse então Luciano, como um dos néscios gentios; mas nós damos graças a Deus porque nos tirou das trevas e das sombras da morte, dignando-se conduzir-nos à glória de ser Cristãos.» — «De que modo vos defende, continuou Sabino, esse Deus que pregais, deixando-vos em minhas mãos e não evita que incorrais na morte que vos espera?» — «A glória dos Cristãos, contestou a isto Marciano, não consiste na vida presente que tu tanto estimas, mas na eterna que esperamos nos céus, perseverando na fé de Jesus Cristo.» — «Deixai, continuou Sabino, semelhantes necedades; ouvi-me e sacrificai aos deuses, cumprindo nisto com os preceitos imperiais; pois do contrário farei que sofrais novos e requintados tormentos.» — «Faze o que quiseres, respondeu Marciano, pois estamos dispostos a padecer todas as penas que discorreres, antes que negar o único e verdadeiro Deus que confessamos, para não cair no fogo eterno que o mesmo Senhor tem preparado ao diabo e a todos os idólatras que seguem seus enganos.»

Conheceu Sabino pelo interrogatório que de nada aproveitavam todos os seus esforços para pervertê-los, a estes dois ilustres Confessores; e não podendo tolerar por mais tempo sua invencível resistência, pronunciou contra eles a sentença seguinte: «Porque Luciano e Marciano são transgressores das leis divinas, convertendo-se à vaníssima [religião] dos Cristãos, e porque não quiseram ouvir nossas reconvenções sobre o cumprimento dos preceitos dos príncipes do mundo, dirigidas a que se salvem, mando que sejam queimados.» Logo que chegaram os Santos ao lugar do suplício, oraram desta forma: «Senhor Jesus, nós não podemos dar-vos as correspondentes graças por haver-nos tirado do erro da gentilidade e dignado conduzir-nos a esta paixão por vosso santo nome, fazendo-nos participantes da ventura de vossos Santos: a vós encomendamos nossas almas, para quem seja o louvor e a glória pelos séculos dos séculos.» Concluída esta súplica, fizeram seu ofício os verdugos e, arrojando Luciano e Marciano a uma fogueira acesa, ficaram consumidas as duas preciosas vítimas no dia 26 de outubro do ano 251 ou 52, imperando em Roma Décio e sendo pontífice São Fabiano.

Os Cristãos recolheram as veneráveis relíquias dos dois insignes Mártires e as ocultaram com o maior segredo, retirando-as da vista dos gentios; mas logo que cessou o furor da perseguição, colocaram-nas na igreja de São Saturnino de Vic, onde estiveram em grande veneração até a perda da Espanha, na qual, temerosos os fiéis de que tão precioso tesouro caísse em mãos dos bárbaros, ocultaram-nas no mesmo templo com o sepulcro de mármore que as continha. Assim se mantiveram muitos séculos, até que se dignou o Senhor manifestá-las no ano de 1050, reinando na Catalunha o famoso conde de Barcelona Raimundo Berenguer, primeiro deste nome, por meio das maravilhosas revelações e visões angélicas que se dignou fazer a dois veneráveis presbíteros chamados Raimundo ou Ramon Ferrer e mossèn Raimundo ou Ramon. Acharam-se as veneráveis relíquias com as inscrições dos nomes, da origem, do tempo e do lugar da paixão dos Santos e se

colocaram depois com a honra devida no mesmo templo no ano de 1342, reinando na Catalunha o rei D. Pedro IV de Aragão e terceiro da Catalunha. Solicitaram os cônegos Pedro Surigueres, Berenguer de Colomer e João de Abendo que se fizesse a trasladação das relíquias dos insignes Mártires a lugar mais decente; e executado este ato com anuência de D. Galcerando, bispo de Vic, por meio de uma solene procissão, na qual assistiram muitas pessoas condecoradas, colocaram-se no altar-mor da igreja de São Saturnino, onde são tidas em grande veneração.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Evaristo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Infirmitatem nostram respice, omnipotens Deus, et quia pondus propriæ actionis gravat, beati Evaristi martyris tui atque pontificis intercessio gloriosa nos protegat. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Atendei, ó Deus todo-poderoso, a nossa fraqueza; e pois nos oprime o peso de nossos pecados, dignai-vos sustentar-nos pela gloriosa intercessão de vosso bem-aventurado mártir e pontífice São Evaristo. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 1 do apóstolo São Tiago.

Tiago 1,12-18

> **Latim:** [12] Beatus vir qui suffert tentationem : quoniam cum probatus fuerit, accipiet coronam vitæ, quam repromisit Deus diligentibus se. [13] Nemo cum tentatur, dicat quoniam a Deo tentatur : Deus enim intentator malorum est : ipse autem neminem tentat. [14] Unusquisque vero tentatur a concupiscentia sua abstractus, et illectus. [15] Deinde concupiscentia cum conceperit, parit peccatum : peccatum vero cum consummatum fuerit, generat mortem. [16] Nolite itaque errare, fratres mei dilectissimi. [17] Omne datum optimum, et omne donum perfectum desursum est, descendens a Patre luminum, apud quem non est transmutatio, nec vicissitudinis obumbratio. [18] Voluntarie enim genuit nos verbo veritatis, ut simus initium aliquod creaturæ ejus.

Português: [12] Bemaventurado o homem, que sofre com paciencia a tentação: porque depois que elle tiver sido provado, receberá a coroa da vida, que Deos tem promettido aos que o amão. [13] Ninguem, quando he tentado, diga, que Deos he o que o tenta: porque Deos he incapaz de tentar para o mal: e elle a ninguem ten-ta. [14] Mas cada hum he tentado pela sua propria concupiscencia, que o abstrahe, e allicía. [15] Depois quando a concupiscencia concebeo, pare ella o peccado: e o peccado quando tiver sido consum-mado, gera a morte. [16] Não queirais pois errar, irmãos meus muito amados. [17] Toda a dadiva em extremo ex-cellente, e todo o dom perfeito vem lá de cima, e desce do Pai das luzes, no qual não ha mudança, nem sombra alguma de variação. [18] Porque de pura vontade sua he que elle nos gerou pela palavra da verdade; a fim de que sejamos como as primícias das suas creaturas.

Reflexões

«Ninguém diga, quando é tentado, que Deus o tenta.» Deus não pode tentar ao mal; e assim este Senhor a ninguém tenta; e portanto cada um é tentado pela isca e pelos atrativos de sua própria concupiscência. Poucos dissolutos, poucos mundanos, poucos pecadores há que não lancem a culpa de suas desordens à malignidade do tentador, pretendendo escusá-las com a violência da tentação. O mundo todo é perigos, isto não se nega; mas porque todo é perigos o mundo, havemos de arrojar-nos a eles atordoada ou atabalhoadamente? Será razão viver no mundo sem preservativos, sem atenção e sem temor? É o mundo um mar borrascoso e coberto todo de escolhos: os naviozinhos pequenos e pouco carregados os evitam com mais facilidade que os vasos soberbos e corpulentos, os quais recebem mais vento e se governam com maior trabalho. Mas depois que se fala tanto deste proceloso mar, tão famoso pelos naufrágios, tornaram-se porventura mais cordatos, mais avisados e mais prevenidos os que se engolfam nele? Já se ao menos nos fizesse mais vigilantes a multidão dos perigos da salvação; mas ah! que sucede todo o contrário: quanto mais há por que temer, menos se teme. Onde se vive com menos precauções contra os maus desejos que no meio dos objetos que os excitam mais? Nas cortes dos príncipes, no centro deste mundo infeccionado e enganoso, que preservativos se aplicam para não contrair o contágio? E depois nos queixamos e depois nos admiramos de que sejam tão contados os que se preservem dele! Mais nos deveríamos admirar de que alguém se preservasse. Se num Estado onde tudo é tentação, tudo laços e perigos; se num país onde estivessem infeccionadas quase todas as fontes, quase todos os mananciais, e se tomassem poucas ou nenhumas precauções para livrar-se do veneno, se conservassem muitos por longo tempo em perfeita e robusta saúde, não seria coisa muito estranha? As almas inocentes, as mais puras sustentam-se com a penitência; rodeadas de espinhos e de abrolhos, ainda não consideram segura a delicada flor da pureza. O mais leve sopro de vento as sobressalta. A menor infidelidade, a mais ligeira imperfeição causa inquietude a seu fervor; nem ainda com todas estas precauções se dão por seguras ou se imaginam isentas do perigo; enquanto uma alma imperfeita, uma pessoa religiosa pouco observante, pouco mortificada, pouco inocente, expõe-se sem temor aos maiores riscos. Não nos queixemos já nem dos muitos perigos da salvação nem do curto número dos predestinados. Conosco mesmos levamos os perigos; em nosso mesmo terreno nasce a tentação. Não contentes com o inimigo doméstico que nós mesmos mantemos, vamos buscar outros estranhos e forasteiros; que maravilha que sejamos

vencidos, nem que milagre que nos precipitemos? Há condições, há estados (é verdade) em que são maiores e mais frequentes os perigos; mas todo país onde abundam insetos peçonhentos abunda também em contravenenos, sendo igualmente fecundo em preservativos e em remédios.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 14 de São Lucas.

Lucas 14,26-33

> **Latim:** 26 Si quis venit ad me, et non odit patrem suum, et matrem, et uxorem, et filios, et fratres, et sorores, adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus. 27 Et qui non bajulat crucem suam, et venit post me, non potest meus esse discipulus. 28 Quis enim ex vobis volens turrim ædificare, non prius sedens computat sumptus, qui necessarii sunt, si habeat ad perficiendum, 29 ne, posteaquam posuerit fundamentum, et non potuerit perficere, omnes qui vident, incipiant illudere ei, 30 dicentes : Quia hic homo cœpit ædificare, et non potuit consummare ? 31 Aut quis rex iturus committere bellum adversus alium regem, non sedens prius cogitat, si possit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad se ? 32 Alioquin adhuc illo longe agente, legationem mittens rogat ea quæ pacis sunt. 33 Sic ergo omnis ex vobis, qui non renuntiat omnibus quæ possidet, non potest meus esse discipulus.

Português: 26 Se algum vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãas, e ainda a sua mesma vida, não póde ser meu discípulo. 27 E o que não leva a sua cruz, e vem em meu seguimento, não póde ser meu discípulo. 28 Porque qual de vós querendo edificar huma torre, não se põe primeiro muito de seu vagar a fazer conta dos gastos, que são necessarios, para ver se tem com que a acabar, 29 para se não expor a que, depois que tiver assentado o fundamento, e não na poder acabar, todos os que a virem, comeceem a fazer zombaria d'elle, 30 dizendo: Este homem principiou o edifício, e não no póde acabar? 31 Ou que rei ha, que estando para ir para a campanha contra outro rei, não tome primeiro muito de assento as suas medidas, a ver se com dez mil homens poderá ir a encontrar-se com o que traz contra elle vinte mil? 32 D'outra maneira, ainda quando o outro está longe, enviando sua embaixada, lhe pede tratados de paz. 33 Assim pois qualquer de vós que não dá de mão a tudo o que possue, não póde ser meu discípulo.

Meditação

Primeiro ponto

Considera que não há mais que dois caminhos para ir ao céu: a inocência ou a penitência. Não há meio. Ou nunca pecaste ou és pecador. Bom Deus! quem se poderá lisonjear daquela primeira inocência? Pois quem se poderá escusar dos rigores da penitência? Busca algum outro caminho; ao menos é certo que Jesus Cristo o ignorou. Fabriquemo-nos o sistema que nos parecer; finjamo-nos a moral que se nos apetecer; pretextos de saúde, vãos títulos da idade, escusas frívolas do amor-próprio, alegados aéreos do estado ou da condição; não há privilégios, não há razões que te isentem de uma lei tão indispensável. Não há outro partido que tomar: ou chorar enquanto dura o tempo ou arder por toda a eternidade; ou inferno ou penitência.

É esta vida o tempo da misericórdia; é o fruto da morte do Redentor. Mas a divina justiça não pode ser frustrada de seus direitos; estes são os que conserva e sustenta a penitência; ela ocupa, por dizê-lo assim, o lugar da justiça divina; ela a representa como procuradora sua. Sim por certo; quer Deus deixar a tua boa-fé o castigo de teus pecados; quer que tu mesmo sejas o vingador de teus delitos; quer que tu lhe imponhas a ti próprio a pena que merecem; podes pôr teus interesses em mãos mais favoráveis nem amigas? Desenganemo-nos; todo pecado há de ser indispensavelmente castigado, ou por um Deus vingador ou pelo homem penitente.

Que penitência não fez o mesmo Jesus Cristo só por haver tomado a aparência de pecador? As almas mais puras, os Santos mais inocentes passaram a vida entre os rigores de espantosas penitências: com quanta amargura de seu coração, por quão largo espaço de tempo misturaram seu pão com as lágrimas pelos pecados mais ligeiros! Nós, graças ao Senhor, somos da mesma Religião; temos pecado. Ah! que ninguém há que não possa dizer com verdade como o Profeta: «Minhas maldades me cobriram mais acima da cabeça.» (Sl 37.) Mas qual é nossa penitência? Em meio disto, ninguém há que não espere lograr a mesma ventura que gozam os Santos; ninguém que não aspire à mesma coroa. Mas em que fundará esta confiança? Nos méritos de Jesus Cristo. Sem dúvida que a estes divinos méritos deveremos nossa salvação. Mas será sem fazer penitência? Escutemos o oráculo do mesmo Jesus Cristo: «Se não fizerdes penitência, todos perecereis.» (Lc 13.) Não ignorava ele o que valia seu sangue; conhecia perfeitamente o preço e a virtude de seus merecimentos. Em meio disto, com toda a minha redenção sobreabundante, com o fruto de minha paixão e de minha morte, diz o Salvador, ninguém se salvará se não faz penitência. Omnes, todos perecereis; o rei como o vassalo; o amo como o servo; todos. A mulher nobre como a plebeia; a senhora como a criada; todos: o letrado, o homem de negócios, o mercador, o secular, o eclesiástico; vós, jovens, e vós, velhos, curvados sob os anos; homens do mundo e religiosos, se não fizerdes penitência, todos perecereis. Este só oráculo vale uma meditação, vale um livro inteiro.

Ah, meu Deus, e quanto me acusa neste mesmo ponto minha consciência! que remorsos! que temores! que justos sobressaltos! E será possível que tudo isto seja sem proveito?

Segundo ponto

Considera que enorme erro é pretender salvar-se sem fazer penitência. «Se não quereis renunciar meu Evangelho, diz o Salvador do mundo, deveis estar persuadidos de que o que pecou, se não faz penitência, em vão se lisonjeia de conseguir sua salvação.» (Mc 1.) Segue-se hoje no mundo esta doutrina?

Mas não será fazer bastante penitência confessar seus pecados, rezar algumas orações, exercitar-se em algumas obras satisfatórias impostas na confissão? Não bastará isto para cumprir com o preceito de fazer penitência? Mas eu pergunto: e será possível que a doutrina de Jesus Cristo sobre a necessidade da penitência não se há de reduzir mais que a isto?

Os Santos, que não conheceram outra moral que a de Jesus Cristo, entenderam porventura aquela doutrina segundo esta benigna interpretação? Nem ainda nós mesmos, ainda que não tenhamos mais que uma leve tintura de nossa Religião, persuadir-nos-emos facilmente de que todo o castigo que a divina justiça exige por nossos pecados se reduzirá a uma tão curta, tão ligeira e tão superficial satisfação? Será esta toda a penitência cristã depois de tão enormes culpas?

Quê! essas almas dissolutas, esses insignes pecadores, essas mulheres mundanas, cuja confissão mal interrompeu por algumas poucas horas, uma ou duas vezes ao ano, o jogo, o fausto, as diversões, os banquetes e acaso também os mais vergonhosos pecados; essas pessoas que se dispuseram para a confissão pascal desfrutando os gostos e os passatempos no carnaval; que com vaníssimos pretextos se dispensaram no jejum e na abstinência da Quaresma; todas essas pessoas fazem verdadeira penitência?

Quê! aquelas outras pessoas tão imortificadas que, à sombra de certa exterioridade de virtuosas, e ainda acaso em um estado de penitência, quiçá buscam em tudo suas conveniências e suas comodidades; que pode ser não tenham aos olhos de Deus outra coisa de verdadeiros penitentes que a indispensável obrigação de sê-lo; aquelas pessoas que só obedecem e se governam por seu amor-próprio, farão verdadeira penitência? E se daqui em diante não entabulam uma vida mais penitente, em que princípios, contrários à palavra de Jesus Cristo, fundarão a confiança de conseguir sua salvação?

Mas não estamos nós mesmos neste caso? Sabemos certamente que temos pecado; estamos igualmente seguros de nossa penitência? Seguiu-se àquela contrição verdadeira a fuga das ocasiões, a reformação dos costumes, a modéstia no traje e outros frutos dignos de verdadeira penitência?

Meu Deus, quantas contas tenho que prestar a mim mesmo! e como poderei sofrer as que algum dia me tomareis Vós, se não começo a fazer penitência desde este mesmo ponto? Palpo a precisão; conheço a indispensável necessidade; tudo arrisco se o dilato. Ainda que dentro de vinte e quatro horas tenha que ir dar-vos conta de minha vida, ao menos terei o consolo de haver começado.

Jaculatórias

Examinarei daqui em diante, meu Deus, todos os anos de minha vida na amargura de meu coração. (Is 38.) Oh, e quem desse a meus olhos uma fonte de lágrimas para chorar dia e noite meus pecados! (Jr 9.)

Propósitos

1. Poucos há que não confessem, e muitos menos que não tenham sobeja razão para confessar que são grandes pecadores. Mas onde está a penitência? De que servirá o estéril conhecimento e essa infecunda confissão senão de aumentar nossas dívidas? De que servirá reconhecer-se um pecador se não passa a ser penitente? E não há que entrincheirar-se, não há que cobrir-se nem com a ternura da idade nem com a delicadeza da compleição, nem muito menos com os empregos, com a classe, com a qualidade. Para quem pecou não há salvação se não faz penitência. Além da penitência interior, que passa lá dentro da alma na amargura do coração, é mister a exterior que mortifique o corpo, que o domine e que o humilhe. Dá princípio pelas penitências de preceito: as abstinências de obrigação, os jejuns da Igreja são leis invioláveis de que jamais te deves dispensar com frívolos pretextos. É muita desordem a de hoje: parece que estas santas leis somente se fizeram para os claustros religiosos ou para a gente comum. As pessoas de distinção, as ricas, as de conveniências nunca têm bastante saúde para comer de vigília; é preciso que se lhes dispense. Mas autorizará Deus estas dispensas? Examina o que tens delinquido neste ponto. Faze um firme propósito de observar com todo rigor todas estas penitências de preceito. Guarda-te bem de permitir que os que estão a teu cargo se dispensem nelas sem grave e indubitável motivo; olha que te farás réu de seu pecado.

2. Não te contentes com aquelas penitências comuns em que nenhum cristão deve jamais dispensar-se sem causa legítima e verdadeira; há outras particulares que não te são menos necessárias em atenção a tuas necessidades espirituais. A vista, o nome só de certos instrumentos de penitência espanta, estremece a algumas pessoas a quem não estremeceram nem espantaram as desordens mais vergonhosas e mais enormes. Com quanta razão se poderia perguntar a muitos se a multidão e a enormidade de seus pecados os dispensavam deste gênero de penitências! Porque quanto o estranham, quanto recalcitram e ainda quanto escandalizam se talvez um confessor zeloso tem valor para impô-las na confissão! Coisa estranha! um jovem, uma terna donzela viram as costas ao mundo ainda antes de havê-lo conhecido; retiram-se a conservar a inocência batismal entre os rigores da penitência; enquanto um irmão seu perdido e estragado, uma irmã sua entregue às vaidades do mundo vivem como afogados, como submergidos na desordem e não podem sequer sofrer que se lhes fale de penitências nem de mortificações. Mas será muito semelhante a eterna sorte destes? Consulta quanto antes com teu diretor o que deves fazer neste particular. Não dês ouvidos a tua delicadeza, mas a tua consciência, a tua Religião e a tuas necessidades; se és inocente, a penitência é o sal que preserva da corrupção: se és pecador, a penitência é o contraveneno do pecado.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:02 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:02 by Admin